

Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu
Francisco Edi de Oliveira Sousa
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**A MÚLTIPLA ETIMOLOGIZAÇÃO
IMPLÍCITA NAS *METAMORPHOSES* DE OVÍDIO
(The Multiple Implicit Etymologizing in Ovid's *Metamorphoses*)**

JOSENIR ALCÂNTARA DE OLIVEIRA²⁰⁶ (docjao@bol.com.br)
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – Este artigo versa sobre a múltipla etimologização implícita de uma mesma palavra nas *Metamorphoses*, de Ovídio, e a relação entre a etimologização antiga e a moderna, não só reconhecendo as diferenças de objetivos e de técnicas entre elas, mas também vislumbrando uma compatibilidade entre elas.

PALAVRAS-CHAVE – etimologia, Ovídio, *Metamorphoses*, etimologização antiga e moderna.

ABSTRACT – This paper examines the multiple implicit etymologizing of a very same word in Ovid's *Metamorphoses*, and the relationship between ancient and modern etymologizing, by not only identifying the differences of goals and technics between them, but by also suggesting a possibility of compatibility between them.

KEYWORDS – etymology, Ovid, *Metamorphoses*, ancient and modern etymologizing.

Neste artigo, objetiva-se examinar, dentre os principais traços da etimologização de Ovídio (43 a.C.-17 d.C.), a múltipla etimologia implícita de uma mesma palavra nas *Metamorphoses* e a relação entre a etimologização antiga e a moderna.

Embora se reconheça que, quando comparada com outras obras ovidianas, a etimologização nas *Metamorphoses* não se apresente quantitativamente tão expressiva, ela foi eleita para este artigo pela sua importância para a expressão da cultura europeia, com notáveis influências nas artes plásticas e na literatura, estendendo-se do medievo à contemporaneidade. Prova disso é que a evocação mitológica clássica, via de regra, refere-se, explícita ou implicitamente, a tal obra ovidiana.

Antes, porém, de se passar ao cerne deste artigo, é mister que se apresentem, ainda que de modo sucinto, algumas considerações sobre a contextualização do procedimento etimológico no Ocidente.

Na sua relação com a palavra, o homem sempre demonstrou ter necessidade de uma verdade, que lhe desse sentido ao seu universo psíquico-cultural, fortemente marcado pelo esquecimento da origem dos deuses, dos povos e de si mesmo. Esse pendor humano fez com que se acreditasse que a palavra, o nome, poderia ser um instrumento de resgate do elo perdido dos valores socioculturais.

²⁰⁶ Josenir Alcântara is Associate Professor of Latin Language and Romance Philology at the Federal University of Ceará (UFC). He holds both a Master's degree in Romance Philology and a PhD in Philology and Portuguese Language from the University of São Paulo (USP).

No esforço de trazer à consciência essa recuperação das motivações primitivas, olvidadas, entre o significante e o significado, a etimologização antiga perseguia, desde seus primórdios greco-latinos, o significado verdadeiro, original, da palavra, o que, aliás, remonta à própria formação da palavra etimologia – gr. ἔτυμ- “primitivo” e gr. λόγ- “estudo, pesquisa; palavra”.

Para atingir tal *desideratum*, poetas, filósofos e gramáticos greco-latinos enfatizavam mais o aspecto semântico do que o formal, razão pela qual um único fonema comum entre um termo indutor e um induzido já seria o bastante para o estabelecimento da relação semântica, desde que propiciasse um encaixe cultural plausível perante as crenças reinantes no seio da cultura popular. A procura desse encaixe cultural fazia com que, não raras vezes, uma mesma palavra recebesse múltiplas interpretações etimológicas de um mesmo autor e em uma mesma obra, o que não invalidava a etimologização antiga, uma vez que o objeto enfocado tinha também múltiplos aspectos reconhecidos pela longa tradição principalmente oral. Além disso, acrescenta-se que a etimologização antiga apresenta-se ora explícita no *unde* “donde” da derivação morfológica e no *cur* “porque” da motivação semântica, ora implícita em jogos de palavras, os quais exigem sensibilidade e perspicácia do leitor hodierno, para não se falar de um razoável preparo linguístico-cultural, filológico.

Essa tônica sobre o aspecto semântico deslocou-se para o aspecto fonético na etimologização moderna, no início do século XIX, com o método filológico histórico-comparativo, a partir do qual se estabeleceram correspondências fonéticas de frequência significativa entre as línguas indo-europeias, como o latim, o grego, o sânscrito, o alemão, o inglês etc. Daí para cá, diante do grande rigor fonético, que embasou o estabelecimento etimológico de uma palavra, na relação com seus cognatos, a etimologia moderna alcançou o *status* de cientificidade.

Em virtude desse expressivo impulso da etimologia moderna, verifica-se que a etimologia antiga tem sido mal interpretada por aqueles que desconhecem que ela não se pautava pelos mesmos princípios nem se destinava aos mesmos objetivos de hoje. Assim, na releitura da etimologização da tradição ocidental, não são poucos os historiadores hodiernos da linguagem que se referem à produção etimológica da antiguidade greco-latina, medieval, renascentista, como “fantasiosa”, “risível”, “pueril”, “ridícula”, dentre outros atributos não menos pejorativos.

Felizmente, a etimologização praticada por autores antigos, gregos e latinos, têm recebido atenção de alguns pesquisadores, a quem não falta clareza sobre a distinção entre os dois modos de etimologização. Coseriu (1991: 87-88), por exemplo, distingue a etimologia concreta, praticada por gregos e latinos, da etimologia técnico-objetiva, praticada a partir do início do século XIX:

Evidentemente, uma coisa é a etimologia técnico-objetiva, que considera as palavras como entidades isoladas e autônomas, e outra coisa é a etimologia concreta, que considera as palavras na sua relação com as coisas e nas suas

relações orgânicas entre si, como também [...] em relação com o sentimento linguístico e com o valor expressivo que os falantes lhe atribuem.

Também com a mesma clareza, ainda que com diversidade terminológica, Bronkhorst (2001: 147-148) distingue a antiga etimologia semântica da moderna etimologia histórica:

Uma etimologia semântica é para ser distinguida de uma etimologia histórica. Uma etimologia histórica apresenta a origem ou uma história remota de uma palavra; ela nos diz, por exemplo, que uma palavra em uma língua moderna é derivada de uma outra palavra que pertence a uma língua anterior, ou a um estágio anterior da mesma língua. [...] As etimologias semânticas fazem algo diferente. Elas conectam uma palavra com uma ou mais outras as quais são acreditadas iluminar o seu significado. As etimologias semânticas não nos dizem nada sobre a história de uma palavra, mas algo sobre seu significado.

Reconhecidas essas duas etimologizações, não resta dúvida de que a praticada por Ovídio, nas *Metamorphoses*, coincide com a etimologia concreta e com a etimologia semântica, respectivamente segundo Coseriu e Bronkhorst.

À etimologização em tal obra de Ovídio, Michalopoulos (2001) dedicou *Ancient etymologies in Ovid's Metamorphoses: a commented lexicon*, na qual apresenta quatorze características das etimologias ovidianas, das quais interessa a este artigo somente a característica da multiplicidade etimológica em torno de um mesmo termo, uma vez que tal característica é uma das responsáveis pelos ataques de muitos estudiosos que têm como fim anular qualquer credibilidade de seriedade da etimologização antiga, credibilidade essa cobrada a partir dos princípios e interesses da filologia histórico-comparativa. Um exemplo dessa multiplicidade etimológica nas *Metamorphoses*, de Ovídio, é o lat. *verbum* “palavra”:

1. *verbum* < *veritas* “verdade”, em 12. 53-5:
atria turba tenet: veniunt, leve vulgus, euntque
mixtaque cum **veris** passim commenta vagantur
milia rumorum confusaque **verba** volutant;

uma turba ocupa os átrios: o fútil vulgo vem e vai
comentários, misturados com **verdades**, vagam pelo recinto
e mil ininteligíveis **palavras** de rumores ecoam;

2. *verbum* < *verbare* “açoitar”, em 14. 299-301:
spargimur ignotae sucis melioribus herbae
percutimurque caput conversae **verbere** virgae,
verbaque dicuntur dictis contraria **verbis**.

somos cobertos com os melhores sucos de ervas ignotas
e batidos na cabeça com uma **golpe** de vara invertida,
e são pronunciadas **palavras** contrárias às **palavras** ditas.

Em forma de jogo de palavras, essa dupla etimologização de Ovídio é do tipo implícito nos dois trechos, nos quais o poeta emparelha, no primeiro recorte, *verbum* “palavra” com a sequência fonética, *ver-*, presente em *ver-is* (lat. *verus*, *a*, *um* “verdadeiro”), enquanto, no segundo recorte, com a sequência fonética, *verb-*, presente em *verb-ere* (lat. *verb-er* “golpe”).

Nessa manipulação etimológica do lat. *verbum* “palavra”, no primeiro recorte, Ovídio, a bem da verdade, não faz outra coisa senão repassar a etimologização de Varrão (116-27 a.C.), citado por Donato (IV d.C.), como se lê em Maltby (1991:636):

Verbum, i n. VARRO ap. DON. Ter. Ad. 952 verbum dixit veram sententiam, nam verba a veritate dicta esse testis est Varro.

Varrão em Don. *Ter. Ad. 952* a palavra (**ver-bum**) disse uma sentença verdadeira (**ver-am**), pois Varrão afirma que as palavras (**ver-ba**) são ditas a partir da verdade (**ver-itate**).

Por sua vez, no que concerne à associação etimológica entre o lat. *verba* “palavras” e o lat. *verber* “golpe”, Ovídio também dá eco a uma outra tradição de etimologização difundida em seu tempo, a qual só aparecerá documentada depois de sua morte, como em Agostinho (*Dial. 6*): “verba [...] dicta quod aures quasi ‘verberent’.” [as *verba* “palavras” [...] ditas porque *verberent* “golpeariam” o ouvido.] (*Dial. 6*).

A coexistência dessa duplicidade etimológica numa mesma obra sugere, antes de falta de sistematicidade, leituras compatíveis quer com o imaginário popular, vazado na oralidade, quer com o que a diminuta massa de letrados e intelectuais da época augustana criam, quer com a fusão de ambas as vertentes.

No âmbito da fonética, tal dupla etimologização encontra plausibilidade, uma vez que ambas apresentam uma extensão fonética em comum: por um lado, *verb-* no lat. *verb-erare* “golpear” e no lat. *verb-um* “palavra”; e, por outro lado, *ver-*, no lat. *ver-um* “verdadeiro” e no lat. *ver-bum* “palavra”.

No âmbito semântico e cultural, essa dupla etimologização de Ovídio, de certo modo, antecipa empiricamente a onomasiologia, a qual consiste na catalogação de duas ou mais denominações de uma única coisa, concreta ou abstrata, numa mesma língua ou entre línguas distintas, independentemente do aspecto temporal e espacial e do registro – regionalismo, gíria etc. Por maior que seja, tal catalogação nunca abarcará o conhecimento total sobre o objeto, porque, segundo observa S. Tomás de Aquino, em *Scriptum super Sententiis*, ds25 q 1, a 1, r 8:

Já que os princípios essenciais das coisas são por nós ignorados, frequentemente, para significar o essencial (que não atingimos), nossas definições incidem sobre um aspecto accidental (das coisas).

Daí, quanto maior for a soma dos aspectos accidentais sobre um mesmo objeto, colhidos dentro de uma cultura ou dentre várias, maior será a probabilidade de se acercar da “noção” sobre esse objeto.

Dessarte, a dupla etimologia, repassada por Ovídio nas *Metamorphoses*, mantém nexos semântico-ideal e motivacional com dois dos vários aspectos que a cousa “palavra”, lat. *verbum*, teria no tecido cultural de sua época: 1) a motivação entre a ideia de “golpear, vibrar” e “palavra” emergiria do fato de a palavra se propagar sonoramente no ar, alcançando, golpeando, o ouvido do interlocutor, fazendo-o vibrar; e 2) a motivação entre a ideia de “verdadeiro; verdade” e “palavra” sugeriria uma restrição cultural-semântica, que iria de toda a “palavra” para a “palavra verdadeira”, o que é comuníssimo no âmbito filosófico e místico, no qual a “palavra” é um instrumento do vazamento do que é verdadeiro, verdade.

Cotejando-se as duas etimologizações, é notório que, enquanto a motivação semântico-cultural entre a ideia de “golpear, vibrar” e “palavra” é concreta, a motivação entre a ideia de “verdadeiro; verdade” e “palavra” é abstrata, como, aliás, é o caminho das metáforas abstratas: da imagem concreta para a ideia abstrata.

Assim sendo, longe de representar qualquer contradição etimológica, como a etimologização moderna classificaria, esse procedimento etimológico de Ovídio, nas *Metamorphoses*, tem coerência interna, dentro dos valores culturais vividos na época de Augusto, até mesmo antes e bem depois do poeta: a palavra, que é um corpo sonoro, vibra, ecoa, no ar, golpeando, vibrando, o sistema auditivo do interlocutor, pode expressar a verdade.

Diante desse breve exemplo de etimologização de Ovídio, nas *Metamorphoses*, vislumbra-se que o que Vico (2005: 9) aplicou ao escopo conceitual de filologia é perfeitamente compatível com o da etimologização de Ovídio e, de resto, de toda a etimologização antiga: “doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos fatos, tanto da paz como da guerra dos povos”.

Cotejando a etimologia antiga com a etimologia moderna, é notório que esta encontra sua segurança na objetividade principalmente fonética, na documentação, enfim, em tudo que dê a impressão, a sensação, de certeza, enquanto aquela se abre para o mistério envolto no esquecimento sociocultural dos valores sociais, através da intuição, com a finalidade de fazer da palavra um instrumento elucidativo e decodificador do mundo e do homem. Em outras palavras, segundo Malkiel (1968: 177): “[...] a etimologia criativa pressupõe, por parte do seu praticante, um desejo de transcender o domínio do óbvio e do altamente provável e de operar no reino perigoso do crescentemente conjectural [...]”.

Mesmo tendo objetivos distintos da etimologização moderna, é impressionante a intuição etimológica de alguns autores latinos, a qual Ovídio repassa nas *Metamorphoses*, antecipando a sua confirmação, em torno de 1800 anos antes do advento dos estudos histórico-comparativos, como ilustram os dois seguintes trechos:

1. concussae patuere fores: **videt** intus edentem
vipereas carnes, vitiorum alimenta suorum,
Invidiam visaque oculos avertit; (2. 768-70)

as portas, batidas, abriram-se: **vê** lá dentro a que come carne de víboras, /
alimento dos seus vícios, e, tendo **visto** a **Inveja**, desvia o olhar;

2. inferior **virtute**, meas devertor ad artes,
elaborque **viro** longum formatus in anguem. (9. 62f)

inferior em **virtude**, volto-me para as minhas artes,
e, transformado em uma longa serpente, escapo ao **homem**.

Por um lado, a cognação entre *vid-e-t ~ in-vid-i-am ~ vis-a*, subjacente em Ovídio, é confirmada por: i-eur. **weid-* “ver” Buck (1949); $\mu(e)di-$ “avistar; ver” Pokorny (1959); *weid-* “ver” Watkins (1992); por outro lado, a cognação entre *vir-tut-e ~ vir-o*, inserida nas *Metamorphoses*, é confirmada por: i-eur. **wiro-* “força” Buck (1949); $\mu iro-s$ “homem’, precisamente, ,o forte” Pokorny (1959); *wiro-* “homem” Watkins (1992).

Além de dar eco à tradição etimológica antecedente, Ovídio habilidosamente reforça previamente o prefixo *in-* “em, dentro de”, do lat. *invidiam* “inveja”, com o advérbio lat. *in-tus* “dentro”. Tal sutileza exige do leitor uma sensibilidade etimológica, sob pena de ele não perceber a habilidade e a engenhosidade do poeta na manipulação das palavras.

Admitindo-se que a interpretação humana sobre o mundo e sobre si próprio é um construto, cujas raízes vão do esquecimento do passado até à lembrança do presente, na transparência sociocultural, crê-se que é possível e necessária a combinação desses dois modos de etimologização: tocando à etimologização antiga, a reconstituição propositiva, especulativa e plausível do passado olvidado, tendo a palavra como um instrumento do estabelecimento do sentido do real, do verdadeiro; e tocando à etimologização moderna, segundo as correspondências fonéticas estabelecidas pelo método histórico-comparativo, a apresentação da origem ou da história remota de uma palavra, estabelecendo, com o apoio preferencial de documentação escrita, que uma palavra em uma certa língua moderna é derivada de uma outra palavra que pertence a uma língua anterior, ou a um estágio anterior da mesma língua.

A combinação entre esses dois modos de etimologização parece ter sido captada por Crevatin (2002: 7):

[...] a etimologia é um processo de pesquisa cultural com base em uma técnica linguística. [...] É bem verdade que muitas tentativas etimológicas já nascem mortas, porque quem as propôs subestimou as técnicas formais etimológicas. E, no entanto, é igualmente verdade que uma etimologia, baseada exclusivamente em uma técnica correta, é um étimo mudo, por carecer de um apoio cultural decisivo. O verdadeiro etimologista deve ser, como Odisseu, *polymetis*.

Dessarte, a prática da etimologia antiga e a prática da etimologia moderna, não se invalidam, não se anulam, ao contrário, se completam em direção à plausibilidade do sentido do mundo e do próprio homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aquinas, St. T. (1894), *Scriptum super Sententiis*. ds25 q 1, a 1, r 8. Disponível em «<http://www.corpusthomicum.org/snp1022.html>». Acessado em «31 jul. 2013».
- Bronkhorst, J. (2001), *Etymology and magic: Yaska's Nirukta, Plato's Cratylus, and the riddle of semantic etymologies*. *Numen* 48: 147-203.
- Buck, C. D. (1949), *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages: A contribution to the history of ideas*. Chicago.
- Coseriu, E. (1991), *El hombre y su lenguaje*. 2ª ed. Madrid.
- Crevatin, F. (2002), *L'etimologia come processo di indagine culturale*. Napoli.
- Malkiel, Y. (1968), *Essay on linguistic themes*. Berkeley.
- Maltby, R. (1991), *A lexicon of ancient Latin etymologies*. Leeds.
- Michalopoulos, A. N. (2001), *Ancient etymologies in Ovid's Metamorphoses: a commented lexicon*. Leeds. (ARCA: classical and medieval texts, papers and monographs; 40).
- Pokorny, J. (1959), *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*. Band I. Bern und München.
- Vico, G. (2005), *Ciência Nova*. [1744]. Trad. port. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa.
- Watkins, C. (1992), "Appendix." *The American Heritage Dictionary*. Third edition. Boston.